

A OFICINA DE TRABALHO COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA COM ADOLESCENTES NA ÁREA DE SEXUALIDADE

THE USE OF WORKSHOPS FOR ADOLESCENTS AS AN
EDUCATIONAL STRATEGY ON THE ISSUE OF SEXUALITY

EL TALLER DE TRABAJO PARA ADOLESCENTES COMO
ESTRATEGIA EDUCATIVA EN EL ÁREA DE LA SEXUALIDAD

Marta Araújo Amaral¹
Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo relatar a experiência de Oficinas de Trabalho na área de saúde sexual e reprodutiva, desenvolvida com adolescentes do sexo feminino, moradoras da Vila Acaba Mundo-Belo Horizonte/MG. A modalidade de Oficina como uma prática educativa garantiu às participantes um espaço privilegiado de exercício de criatividade e liberdade de expressão resultando em alto grau de participação, aumento da auto-estima e desencadeamento de novas propostas de discussão direcionadas à iniciação sexual e planos futuros. Percebeu-se que discutir tais questões abriu possibilidades de posicionamentos mais conscientes, respeitosos e solidários entre as participantes, preparando-as para vida adulta.

Palavra chave: Adolescente; Educação em Saúde; Criatividade; Sexualidade

ABSTRACT

This study intends to report the Workshop experience with female adolescents on the issue of sexuality. The subjects lived in Acaba Mundo Village in Belo Horizonte. The workshop proved to be a good opportunity to experience creativity and freedom of expression, not only resulting in the adolescents' intense participation but also triggering new suggestions for discussion such as: sexual initiation, feminine identity and future plans. It was also clear that discussing, in a playful way issues related to sexuality, opened more conscious, respectful and sympathetic possibilities of positioning towards life among the participants, making them better prepared for adult life.

Key words: Adolescent; Health Education; Creativeness, Sexuality

RESUMEN

El objeto del presente estudio es relatar la experiencia de talleres de trabajo en el área de salud sexual reproductiva para adolescentes del sexo femenino de Vila Acaba Mundo, Belo Horizonte, Minas Gerais. El taller como práctica educativa permitió que las participantes contasen con un espacio privilegiado para ejercer la creatividad y la libertad de expresión. Los resultados fueron: alto índice de participación, aumento del amor propio y sugerencia de nuevas propuestas para discutir la iniciación sexual y planes futuros. Se observó que al debatir tales asuntos las participantes se enfrentaron ante la posibilidad de adoptar una postura más consciente, respetuosa y solidaria que las prepara para la vida adulta.

Palabras clave: adolescente; educación en salud; creatividad; sexualidad

¹ Enfermeira.Profª Assistente da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento Materno Infantil. Doutoranda do Programa Interunidades da Escola de Enfermagem da USP.

² Enfermeira.Profª Titular da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Departamento Saúde Pública. Endereço para correspondência: Rua Nicarágua 15 Aptº 501- Bairro Sion- CEP: 30320-050- Belo Horizonte/MG E-mail: martamaral@grude.ufmg.br e rmgsfon@usp.br

INTRODUÇÃO

A Oficina de Trabalho surgiu com o movimento feminista, na década de 70, numa tentativa de oferecer às mulheres um espaço de reflexão sobre a condição feminina e relações de gênero, a partir de situações cotidianas vividas por elas próprias. Esse movimento visava a contribuir para o crescimento individual das mulheres e, ao mesmo tempo, trazer mudanças no âmbito coletivo.

Afonso⁽¹⁾ caracteriza a Oficina como "uma prática de intervenção psicossocial, seja em contexto pedagógico, clínico comunitário ou de política social" e a conceitua como "um processo estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir".^(1.p.11)

A prática de Oficinas disseminou-se em diversas áreas como na psicologia, sociologia, enfermagem e em grupos autônomos de mulheres do movimento feminista como uma proposta de articular subjetividade, racionalidade, experiência pessoal e conhecimento. A proposta de Oficina como processo educativo recebeu diferentes denominações, tais como: Grupos de autoconsciência, Grupos de reflexão, Oficina de Trabalho, entre outros, sendo desenvolvida com o público feminino, adolescentes, profissionais de diferentes áreas, usuários do serviço de saúde, etc.

A partir da década de 90, inúmeras experiências têm sido desenvolvidas por enfermeiras que reforçam a contribuição da Oficina de Trabalho para o exercício da enfermagem, seja na intervenção educativa em grupos seja na área de investigação.⁽²⁻⁸⁾

Para o desenvolvimento da técnica da Oficina, Carneiro e Agostini⁽⁹⁾ sugerem algumas etapas como: aquecimento, uso de estratégias facilitadoras de expressão, problematização das questões, processo de troca, análise e articulação com o geral. Fonseca⁽¹⁰⁾ propõe fases similares ao apresentar a estrutura básica de uma Oficina, sendo elas: aquecimento, reflexão individual, reflexão grupal, síntese. Ambas as propostas apresentam o momento inicial de descontração e entrosamento do grupo como fundamentais para as fases seguintes de reflexão individual e grupal. Reforçam também a etapa complementar de análise e síntese das questões discutidas, quando será feita uma articulação com a realidade vivenciada pelo grupo.

Chiesa e Westphal⁽¹¹⁾ destacam a possibilidade de a Oficina permitir uma relação horizontal entre técnicos e população, considerando que o espaço de discussão tem como objetivo resgatar os conhecimentos existentes e permitir a manifestação de sentimentos relativos à vivência, facilitar a expressão e comunicação intergrupal e motivar a discussão de conteúdos.

A proposta da Oficina traz forte grau de similaridade com a visão filosófica, política e metodológica da educa-

ção defendida por Paulo Freire. Ambas defendem a formação dos sujeitos, visam à valorização e transformação da realidade e consideram as experiências de vida de cada participante.

Pinto⁽¹²⁾, ao analisar a proposta que norteia o trabalho das Oficinas, também identifica elementos de convergência com a concepção de aprendizagem transformadora de Paulo Freire. Essas propostas de aprendizagem baseiam-se na experiência vivencial e no desenvolvimento da consciência crítica dos participantes.

Baseado nessa vertente da educação crítico-emancipatória, Fonseca⁽¹⁰⁾ concebe a proposta de Oficina de Trabalho como um espaço privilegiado de ampliação da consciência crítica dos sujeitos, utilizada com sucesso, com grupos de mulheres, pacientes, educandas, trabalhadoras da área da saúde ou da enfermagem.

Entendemos que a proposta da Oficina tem, também, grande afinidade com o público adolescente e apresenta inúmeras possibilidades de trabalho e de crescimento. Diante da possibilidade de trabalharmos com adolescentes, do sexo feminino, na Associação Querubins em Belo Horizonte-MG, nos questionamos sobre qual o melhor caminho metodológico a adotarmos para atendermos a uma demanda dessas adolescentes de discutirem questões ligadas à sexualidade e como estimular discussões sobre relações de gênero e suas implicações na construção da identidade feminina e masculina. Optamos por adotar a Oficina de trabalho como estratégia educativa numa proposta de garantirmos espaços para que os adolescentes se expressassem com liberdade, exercessem sua criatividade, refletissem sobre as múltiplas mudanças que ocorrem nesse período de suas vidas e discutissem questões de seu interesse.

O desenvolvimento desse trabalho estimulou-nos a apresentar esse estudo com o objetivo de relatar a experiência de Oficinas de Trabalho na área de saúde sexual e reprodutiva, desenvolvida com adolescentes do sexo feminino, moradoras da Vila Acaba Mundo- Belo Horizonte/MG.

METODOLOGIA

Este estudo surgiu da experiência das autoras com Oficinas de Trabalho na área da sexualidade, com 16 adolescentes do projeto Querubins, com idade entre 11 e 16 anos. As Oficinas tiveram início em agosto de 2002 e foram realizadas semanalmente, com três grupos distintos, considerando a faixa etária das adolescentes. As Oficinas foram coordenadas por uma das autoras deste estudo, sendo reestruturada, a cada semestre, conforme demanda apresentada pelo grupo.

Neste artigo apresentaremos quatro Oficinas de Trabalho realizadas no período de novembro e dezembro de 2003, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EUSP⁽³⁾. Cada Oficina teve a duração de 90 minutos, sendo observadas as seguintes etapas em seu desenvolvimento: aquecimento, reflexão individual, reflexão grupal e síntese.

³ Estas Oficinas constituem parte da tese de doutorado intitulada "Entre o desejo e o medo: as Oficinas de Trabalho como espaço de reflexão e empoderamento de adolescentes", com defesa prevista na Escola de Enfermagem da USP para março de 2005.

Apresentação da proposta de Oficinas de Trabalho

Os temas debatidos nessas quatro Oficinas foram organizados a partir de inquietações apresentadas pelas

próprias adolescentes. Apresentamos no quadro seguinte a estrutura de cada uma delas, associada aos objetivos e às estratégias facilitadoras.

OFICINA	TEMA	OBJETIVO	ESTRATÉGIA FACILITADORA
I	Iniciação sexual: o que eu penso sobre isso?	- Identificar o conhecimento e a postura das adolescentes acerca da iniciação sexual. - Refletir com as adolescentes sobre os sentimentos e responsabilidades envolvidos na decisão da iniciação sexual	- Desenhos para identificar os sentimentos das adolescentes ao iniciar e ao terminar a Oficina de Trabalho - Jogo educativo destacando as seguintes questões: o que penso sobre iniciação sexual, o que pensam meus pais e meus amigos, medos e dúvidas, sentimentos envolvidos.
II	Ser adolescente e ser mulher	Identificar e refletir sobre o significado que as participantes atribuem à condição de ser adolescente e de ser mulher. - Refletir sobre os estereótipos relacionados à feminilidade e masculinidade na sociedade atual.	- Técnica de descontração dos participantes: o jardim - Divisão em duplas através da técnica corações partidos para preenchimento do exercício: Hoje adolescente... Amanhã mulher ... - Caixa reveladora: ser adolescente ser mulher - Balões coloridos
III	Uma vida pela frente: onde quero chegar	- Identificar e refletir sobre os planos futuros e as metas pessoais para atingi-los.	- Técnica de descontração dos participantes: Escalando uma montanha. - Navega barquinho: levantamento individual dos planos futuros e discussão das estratégias para alcançá-los. - Uma viagem no tempo: daqui a 10 anos, como desejo estar?
IV	Oficina de Sexualidade: como cheguei... como estou?	- Analisar a proposta das Oficinas de Trabalho como estratégia educativa a partir dos pressupostos de participação, responsabilidade compartilhada, auto-estima e empoderamento. - Analisar o potencial da Oficina de Trabalho para a construção e transformação do conhecimento individual e grupal - Conhecer o significado atribuído pelas adolescentes à Oficina de Trabalho.	- Jogo do <i>feedback</i> - Preenchimento de uma folha tarefa com a seguinte questão: Você recomendaria a um amigo seu participar desta oficina? Por quê? - Através da técnica de mosaico, verificar o que representou para o adolescente participar das Oficinas de Trabalho.

Para analisar a potencialidade da Oficina de Trabalho como prática educativa com o grupo de adolescentes, foram articuladas a Teoria da Educação Emancipatória de Paulo Freire e a Teoria do Grupo Operativo de Enrique Pichon-Rivière, numa tentativa de entender a transformação do conhecimento individual e grupal e também os vínculos que se formam entre os participantes, que são a base para os processos de comunicação e aprendizado^(13, 14).

Ao procurar aprofundar e articular as dimensões educativa e psicossocial da Oficina de Trabalho, amplia-

mos o entendimento do processo intra e intersubjetivo no grupo, buscando contribuir para o reconhecimento científico dessa modalidade de trabalho educativo e para a reflexão dos profissionais que a utilizam.

COMENTÁRIOS

Entendendo como práxis o fazer, o executar, não de forma isolada, mas numa relação mútua com o conhecimento, analisamos não só as quatro Oficinas selecionadas para este artigo, como também todo o processo

educativo na área da sexualidade, que foi vivenciado e construído pelas adolescentes e pela instrutora, desde agosto de 2002.

O registro sistematizado ao final de cada Oficina contribuiu para a formação de um diário de campo, constituindo-se em um instrumento de avaliação da Oficina como técnica educativa e como espaço de reflexão para as adolescentes, assim como dos acertos e dificuldades encontrados na condução do processo.

Estruturação das Oficinas

A organização e a estruturação das Oficinas não seguiram uma norma rígida, elas se construíram a cada sessão, tendo em vista os objetivos do trabalho e a demanda apresentada pelo grupo. Particularmente em relação a este estudo, a estruturação das Oficinas ocorreu de forma diferenciada, considerando-se a faixa etária e o tipo de interesse dos participantes. Contudo, alguns aspectos mostraram-se similares, tornando-se importantes na condução dos grupos, os quais apresentamos a seguir para melhor compreensão da transformação contínua da práxis e dos novos caminhos criados.

- Ingresso da instrutora no campo antes de iniciar as Oficinas, importante para conhecer as atividades já desenvolvidas pelas adolescentes em grupos de dança, artes plásticas, percussão, apoio escolar, entre outros, e para identificar, comportamentos e habilidades demonstradas por cada uma delas. Essa primeira aproximação possibilitou, não somente estabelecer um contato com os adolescentes, mas também uma integração com a equipe de profissionais que atua na Associação Querubins.

- Divisão dos grupos por faixa etária e nível de interesse, não ultrapassando o número de 08 participantes, tendo em vista a participação ativa de cada uma delas. Pacto inicial com as participantes em relação ao sigilo, pontualidade, assiduidade, respeito pela opinião das colegas, empenho individual para o crescimento do grupo.

- Intervalo semanal entre as Oficinas, visando a um período de reflexão, mas com o cuidado de que ele não fosse demasiadamente longo, para que as adolescentes não se distanciassem das questões em debate.

- Preparo prévio do ambiente e das técnicas utilizadas. Inserção de detalhes referentes à realidade do grupo, destacando-se questões de preservação do meio ambiente, atitudes não-violentas, relações interpessoais respeitadas, etc.

- Apresentação para os grupos de uma consigna clara e objetiva sobre as técnicas e atividades propostas, respeitando as etapas de aquecimento, reflexão individual, reflexão grupal e síntese propostas para o desenvolvimento das Oficinas.

- Estímulo à participação individual, respeitando, porém, as singularidades de comportamento de cada adolescente e o contexto sociocultural em que elas estão inseridas.

- Valorização da bagagem de conhecimentos do grupo e receptividade às sugestões apresentadas pelos participantes para as próximas Oficinas ou planejamentos futuros.

- Proposta de um ritmo mais dinâmico de atividades, através de jogos e técnicas participativas, evitando a dispersão e desinteresse do grupo.

- Retorno a um mesmo tema em diferentes Oficinas, reforçando o conteúdo anterior, motivando a reflexão de outros aspectos não discutidos e atentando para o conhecimento construído por cada grupo, conforme o seu grau de maturidade e interesse.

- Avaliação individual com a adolescente que apresentava atitudes agressivas e desrespeitosas em relação ao grupo. Manutenção de postura firme e reforço de limites pela instrutora, caso a adolescente insistisse em não cumprir os acordos firmados.

- Avaliação periódica com o grupo sobre os comportamentos que poderiam ser melhorados com atitudes de solidariedade, respeito pelas diferenças, compromisso com os colegas.

- Apresentação de um retorno positivo para o grupo quando o trabalho era desenvolvido com cooperação e empenho. O *feed-back* apresentado de forma respeitosa e afetuosa gera motivação tanto individual quanto coletiva para melhoria do comportamento.

- Cumprimento dos compromissos assumidos com o grupo ou apresentação de justificativa para mudanças no planejamento das atividades.

- Estabelecimento de parcerias com os setores de psicologia e pedagogia para os adolescentes que necessitassem de acompanhamento.

Com a realização das Oficinas, foi possível constataremos um movimento dialético da prática modificando o conhecimento, e este criando novas práticas.

Reconhecemos que a Oficina como proposta educativa de cunho emancipatório requer por parte do instrutor e dos participantes uma grande mobilização, pois visa, além da construção do conhecimento, a transformação de posturas e ações no mundo em que vivem.

A prática da Oficina possibilitou-nos aproximar das adolescentes, associar "o ouvir" e "o olhar" para compreender melhor seus sentimentos, entender sua inquietação como forma de comunicação e reconhecer o potencial latente de cada uma delas.

O comportamento inquieto e instável das adolescentes levou-nos a adaptar e elaborar novas técnicas que motivassem a participação do grupo de forma dinâmica e, ao mesmo tempo, reflexiva. Gradativamente, as relações de cooperação e reciprocidade entre as adolescentes foram se fortalecendo, assim como os posicionamentos individuais, o que resultou em um crescimento progressivo do grupo.

Fonseca⁽¹⁰⁾, ao analisar a Oficina de Trabalho como prática educativa, apresenta quatro pressupostos norteadores dessa proposta: participação, responsabilidade compartilhada, auto-estima e empoderamento.

No processo de construção da auto-estima merece ser lembrada a participação da família e da escola. Uma articulação entre Oficina, pais e escola é uma solução estratégica para se criarem espaços de convivência regidos pelo diálogo, respeito, criatividade e contribuir, conseqüentemente, para a elevação da auto-estima dos adolescentes.

A prática das Oficinas possibilitou constatar que, à medida que as adolescentes se sentiam mais confiantes, elas tornavam-se mais participativas, defendiam com mais firmeza suas opiniões, mostravam-se mais flexíveis nas relações interpessoais, mais persistentes na busca de seus objetivos.

Branden⁽¹⁵⁾ apresenta correlações entre auto-estima saudável e vários traços da personalidade como: flexibilidade, criatividade, habilidade para lidar com mudanças, disponibilidade de admitir erros, benevolência, cooperação, intuição, entre outros. Por outro lado, correlaciona baixa auto-estima a irracionalidade, rigidez, postura defensiva, medo do novo e do não-familiar, conformismo ou rebeldia impróprios, comportamento por demais submisso ou controlador, medo dos outros e hostilidade em relação a eles, etc.

Para o autor "o valor da auto-estima não está no fato de ela permitir que nos sintamos melhor, mas poder permitir que vivamos melhor, respondendo aos desafios e as oportunidades de maneira rica e mais apropriada".^(15,p. 2)

As considerações acima apresentadas foram reforçadas na prática das Oficinas. A elas acrescentamos que a auto-estima elevada contribui para que os adolescentes tenham mais senso de responsabilidade, sejam resolutivos e resilientes, atendendo às exigências que o momento atual impõe.

Dentre os quatro pressupostos apresentados por Fonseca⁽¹⁰⁾, percebemos que no grupo de adolescentes a auto-estima mereceu um destaque especial, pois foi a partir dela que se desencadearam novos comportamentos que refletiram a participação, a responsabilidade compartilhada e o empoderamento dos participantes, fortalecendo novamente a auto-estima e iniciando outro ciclo que dá sentido à proposta de Oficinas.

Ao avaliarmos o comportamento das adolescentes que participaram das Oficinas de Sexualidade, constatamos inúmeras atitudes e ações que refletiam o empoderamento individual, muitas delas associadas ao fortalecimento da auto-estima:

- Maior facilidade de expressar suas opiniões, tanto verbalmente como na escrita, e de defendê-las diante do grupo.
- Apresentação de sugestões e propostas de redefinição de normas em relação à Oficina
- Manifestação de respeito pelas diferenças apresentadas pelas colegas, atitudes de cooperação e amizade.
- Clareza e determinação ao relatarem os planos de vida. Propostas de estratégias para alcançar suas metas.
- Posicionamento mais crítico diante de situações em debate ou apresentadas na mídia referentes à sexualidade.
- Ampliação do entendimento sobre comportamento saudável e responsável da sexualidade.
- Desencadeamento de novas propostas: Oficinas com grupos mistos, formados de meninas e meninos; formação de grupos de pais.
- Relato de comportamentos na família e na escola em prol de seus direitos, demonstrando o fortalecimento interno das adolescentes.

As posturas e os comportamentos aqui destacados e outros apresentados durante as Oficinas reforçaram o fortalecimento do poder interior, da autoconfiança e o direcionamento consciente das ações das adolescentes. O empoderamento, assim considerado, muito se aproxima das propostas apresentadas por Libanio⁽¹⁶⁾, Costa⁽¹⁷⁾ e UNESCO⁽¹⁸⁾, que defendem a formação do adolescente baseada em quatro competências necessárias para o ser humano realizar-se como pessoa, como trabalhador e como cidadão: competência pessoal (aprender a ser); competência social (aprender a conviver); competência produtiva (aprender a fazer), competência cognitiva (aprender a conhecer).

No sentido mais imediato, empoderamento significa, para o adolescente, o seu fortalecimento interno. Contudo sabemos que ele não é estático, renovando-se ao longo de toda a vida e contribuindo, certamente, para uma geração de homens e mulheres mais conscientes, responsáveis, determinados, solidários, competentes e felizes.

O conceito de empoderamento (empowerment) tem sido utilizado na literatura científica desde a década de 80, inicialmente com o significado de "ausência de poder" e relacionado à mulher e ao trabalho de educação em saúde. Opõe-se ao termo "powerlessness", composto a idéia de fortalecimento interior, através de um processo social que amplia o controle sobre suas vidas, assim como o espaço de participação no meio em que vivem.⁽¹⁹⁾

Neste artigo, o termo "empoderamento" foi utilizado como o processo em que as adolescentes reforçam seu poder interior para expressar suas opiniões, ampliam sua auto-confiança e direcionam suas ações visando sua melhor qualidade de vida.

As Oficinas de Trabalho sob o olhar da pesquisadora

A cada Oficina tornou-se transparente a criação de laços de respeito e afetividade entre os participantes. A construção do conhecimento foi lenta e progressiva, elaborada a partir de fragmentos de idéias e de tímidos questionamentos por parte dos adolescentes, mas que gradativamente foram se tornando mais abrangentes e críticos. A confiança estabelecida entre participantes e instrutora foi um fator determinante para que as adolescentes assumissem suas opiniões, verbalizassem seus medos e também seus sonhos. Daí a importância desse trabalho ter sido desenvolvido em um maior período de tempo, considerando a realidade e as necessidades de cada participante e, a partir delas, direcionando propostas de melhoria das Oficinas.

A grande diferença que percebemos entre a proposta de Oficinas e outras práticas educativas com adolescentes foi a não superficialidade do trabalho, o aprofundamento de questões ligadas à sua realidade, a construção do conhecimento pelos próprios adolescentes, o convite a conhecer a si mesmo, os outros e o mundo, além de possibilitar desencadeamento de novos trabalhos que contemplem o crescimento individual e coletivo.

Sendo a adolescência uma fase de construção de valores, de mudança de comportamentos e atitudes, de formação da identidade, torna-se importante a criação de um espaço que possibilite ao adolescente reconhecer seu potencial interior, desenvolver sua capacidade de relacionar-se com o outro e acreditar nas mudanças que começam dentro dele mesmo e, progressivamente, se irradiam para sua casa, sua escola, sua comunidade, interferindo no bem comum.

Se, a partir do momento presente, o adolescente viver sua sexualidade com mais consciência, mais respeito por si mesmo e pelo outro, se buscar uma convivência mais harmônica e igualitária com outro sexo, lutar pelos seus sonhos e ideais, acreditar em si mesmo, torna-se possível vislumbrar um salto evolutivo na vida de cada um deles.

Para a instrutora, a Oficina mostra-se como um desafio contínuo e prazeroso na medida em que se busca aprimorá-la a cada sessão, aprendendo junto com as adolescentes a entender as constantes transformações que se apresentam no mundo contemporâneo e contribuindo para a formação de uma geração que se posiciona, decide e age com responsabilidade e determinação, sem perder a sensibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Oficina mostra-se como um espaço de reflexão e crescimento para as adolescentes no que se refere a suas potencialidades e limitações, à imagem do próprio corpo, aos comportamentos e posturas no grupo. Estimula, ainda, a adolescente a cuidar de si mesma e de refletir sobre seus pensamentos, palavras e ações.

A cada Oficina de Trabalho forma-se uma teia de relações, em que cada participante, ao se conhecer melhor, e ao conhecer o contexto em que ele está inserido, posiciona-se com mais segurança e espírito crítico. As relações são fortalecidas gradativamente no grupo, com repercussão positiva nas atitudes dos participantes.

Entendemos que a proposta da Oficina tem um cunho afetivo, intelectual e também político, pois considera sentimentos e relações entre participantes, estimula a construção conjunta de conhecimentos e envolve uma ação transformadora sobre a realidade, tendo em vista modificá-la positivamente.

Forma-se, assim, com a proposta da Oficina uma ciranda movida pela reflexão, consciência, empoderamento, mudanças, desencadeando novas reflexões e tornando as adolescentes agentes potenciais de transformações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Afonso L. Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte(MG): Edições do Campo Social; 2002. p. 11-59.
2. Fonseca RMGS. Um olhar de gênero sobre as práticas de enfermagem: intervenção educativa junto a enfermeiras do Hospital Universitário da USP: relatório. São Paulo(SP): EEUSP; 1999.
3. Coelho EAC. Enfermeiras que cuidam de mulheres: conhecendo a prática sob um olhar de gênero [tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2001.
4. Veríssimo MDLOR. O olhar de trabalhadoras de creches sobre o cuidado da criança [tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2001.

5. Barrientos DMS. Mulher e saúde: dialetizando o trabalho da enfermagem ambulatorial [tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2002.
6. Aranha e Silva AL. Enfermagem em saúde mental: a ação e o trabalho de agentes de nível médio no campo psicossocial [tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2003.
7. Coelho S. As práticas de enfermagem em Saúde da Mulher, em Minas Gerais: um olhar de gênero [tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2003.
8. Carneiro F, Agostini M, Organizadoras. Oficinas de reflexão: espaço de liberdade e saúde. In: Agostini M. Trabalho feminino e saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana; 1994. p. 52-83.
9. Fonseca RMGS. Investigando, construindo e reconstruindo a enfermagem generificada através das Oficinas de Trabalho. In: Anais do 2º Encontro Internacional de Pesquisa em Enfermagem: Trajetória Espaço-Temporal da Pesquisa; 2002 out. 28-31; Águas de Lindóia, SP. [CD-Rom]. Águas de Lindóia: EEUSP; 2002.
10. Chiesa AM, Westphal MF. A sistematização de Oficinas Educativas problematizadoras no contexto dos serviços de saúde. Saúde Deb 1995; (46):19-21.
11. Pinto MCP. Oficinas em dinâmica de grupo com adolescentes na escola: a construção da identidade e autonomia mediada pela interação social [dissertação]. Belo Horizonte (MG): Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG; 2001.
12. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 24ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2002.
13. Pichon-Rivière E. O processo grupal. São Paulo: Martins Fontes; 1994.
14. Branden N. Auto-estima e os seus seis pilares. 4ª ed. São Paulo: Saraiva; 1998.
15. Libanio JB. A arte de formar-se. 3ª ed. São Paulo: Loyola; 2002. (Coleção CES).
16. Costa ACG, Pimentel APG. Educação e vida: um guia para o adolescente. 2ª ed. Belo Horizonte: Modus Faciendi; 2001. p.25-9. Geração XXI.
17. UNESCO. Educação: um tesouro a descobrir. Lisboa: Edições ASA; 1996.
18. Wallerstein N, Bernstein E. Empowerment education: Freire's ideas adapted to health education. Health Educ Q 1988; 15(4):379-94.

Recebido em: 25/01/2005

Aprovado em: 30/06/2005